

Representações de *modernidade* em Cascavel PR: fotografia em periódicos locais entre 1968 e 1978¹

Claudia Ferreira de Melo²

Com a invenção da fotografia inventou-se também, de certa forma, a máquina do tempo. Não aquela dos filmes de ficção científica, uma câmara repleta de inúmeros aparelhos estranhos onde os personagens necessitavam entrar, serem conectados a um emaranhado de fios e, de repente, desaparecerem em meio a um denso véu de fumaça, para, a seguir, reaparecerem em algum outro lugar e época. Refiro-me à máquina do tempo enquanto máquina fotográfica e, especialmente, ao produto desses aparelhos: as imagens. Viajamos no tempo em direção aos cenários e situações que nelas vemos representados; viajamos ao passado e vivemos por instantes essa ilusão documental através de nossas lembranças, de nossa imaginação. (KOSSOY: 2005, p.35).

Resumo: O texto busca refletir sobre um conjunto de representações imagéticas constituídas para Cascavel – região Oeste do Paraná – no final das décadas de 1960 e de 1970 e veiculadas pelos jornais *Diário d' Oeste* e *O Paraná*, como símbolos do progresso da cidade. Portanto, a imprensa local será nossa fonte principal e nossas análises estão centradas em investigar o processo de elaboração e a utilização de uma linguagem visual própria – a fotografia - como meio de difusão de uma cultura visual urbana, centrada em projetos específicos de modernização. Como sínteses de concepções positivadas de desenvolvimento e evolução do espaço citadino, as imagens da cidade estavam impregnadas pelas noções do que significava ser moderno naquele contexto.

Palavras-chave: Imprensa local; Fotografia; Representações.

Representations of modernity in Cascavel PR: photography in local periodicals between 1968 and 1978

Abstract: The text seeks to reflect on a set of imagery representations constituted for Cascavel – western region of Paraná – in the late 1960s and 1970s and published by the newspapers *Diário d'Oeste* and *O Paraná*, as symbols of the city's progress. Therefore, the local press will be our main source and our analyzes are centered on investigating the elaboration process and the use of a specific visual language – photography – as a means of disseminating an urban visual culture, centered on specific modernization projects. As syntheses of

¹ Artigo produzido sob orientação da Professora Dra. Méri Frotscher Kramer.

² Doutoranda em História pela Unioeste – *campus* Marechal Cândido Rondon. Professora da Rede Pública Estadual do Paraná. Email: claudiaferreirademelo@gmail.com

positive conceptions of development and evolution of city space, city images were impregnated with notions of what it meant to be modern in that context.

Keywords: Local press, Photography, Representations.

Entre os anos de 1968 e 1978 a cidade de Cascavel, interior do estado do Paraná, foi palco de diversas obras de intervenção urbanística que alteraram a fisionomia urbana de forma significativa. Tais obras foram sintetizadas em dois Planos Diretores³ que, em última instância, apresentaram e materializaram novas concepções de urbanismo no tecido urbano cascavelense.

Esses dois documentos oficiais, já que produzidos em nome do poder público municipal, traziam em sua constituição leituras do espaço urbano sobre o qual se projetava uma lógica urbanística própria, além de sua intenção prospectiva. A consultoria para a elaboração de tais planos coube a arquitetos renomados e, socialmente, reconhecidos em sua atuação, sejam eles: Gustavo Gama Monteiro (Plano de 1968)⁴ e Jaime Lerner (Plano de 1978)⁵.

Mesmo que uma análise detida desses documentos não faça parte de nossas intenções reflexivas neste momento, não há como deixar de mencionar a sua relevância para a compreensão de um conjunto de alterações bastante significativas no processo de modernização morfológica da urbe em questão.

³ A análise detida desses documentos do planejamento urbanístico em Cascavel são um dos objetos de investigação de nossa pesquisa de doutoramento em História, intitulada, ainda provisoriamente, como “Modernidades e modernização no espaço urbano cascavelense entre 1968 e 1978”. Os Planos Diretores de 1968 e 1978 estão disponíveis, respectivamente: <https://leismunicipais.com.br/PR/CASCADEL/LEI-549-1968-CASCADEL-PR.pdf>

https://www2.fag.edu.br/professores/solange/PDMsCVEL_AEAC/1978%20%20Plano%20Diretor%20de%20Cascavel-PR%20-%20Jaime%20Lerner.pdf

⁴ Arquiteto Gustavo Gama Monteiro, projetou vários edifícios na cidade são eles: Cascavel Country Club em 1960, Igreja Matriz de Cascavel em 1966, Terminal Rodoviário de Cascavel em 1963, Estádio Municipal de Cascavel em 1959, Projeto da Prefeitura de Cascavel em 1958, Cinema Cine Delfim e Casa Gilberto Mayer.

⁵ Jaime Lerner foi arquiteto, urbanista e governador do estado do Paraná por três mandatos. Foi responsável por várias obras na capital paranaense, Curitiba, como: A Ópera de Arame, o Jardim Botânico, a Rua 24 Horas.

Em suma, em meio a efetivação de alguns dos pressupostos projetuais dos dois planos supracitados - e, que integram o corpo documental de nossa pesquisa de doutoramento - avenidas foram pavimentadas e alargadas, o sistema viário foi reorganizado, a verticalização da área central passou a ser impulsionada, o adensamento populacional na área urbana dobrou, ultrapassando a população rural, equipamentos urbanos foram criados como praças, parques de lazer, o zoológico da cidade, entre outros.

Esse amplo campo de intervenções urbanísticas, além de alterar o aspecto citadino na sua concretude, mobilizou uma série de discursos difundidos pelos órgãos de imprensa local. A visibilidade e o próprio consenso em torno de modificações tão profundas promoveram a elaboração de diversas matérias jornalísticas que sintetizam uma miríade de representações em torno das mudanças em curso no período, além de suas possíveis significações.

Sobretudo, naquele contexto, concepções específicas de “modernidade” e modernização permeavam os textos e as imagens que eram veiculados pela imprensa. Nos arriscamos a considerar essas representações discursivas como constituintes de um *imaginário urbano* (PESAVENTO: 1995)⁶. Em outras palavras, as composições textuais e visuais, presentes nos jornais, faziam sentido dentro de um universo de significações, e para isso, necessitavam ser decodificadas pelos grupos sociais aos quais se destinava.

Para refletirmos sobre as utilizações e as possíveis conceituações acerca da ideia de “modernidade” empregadas em nossas fontes, seguiremos as noções seminais do arquiteto e historiador urbano, Adrián Golerik⁷. Segundo tal perspectiva teórica:

⁶ A conceituação de “imaginário urbano” utilizada em nossas reflexões está embasada nas contribuições da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, ver: PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/ Contexto, v.15, n. 29, 1995.

⁷ O historiador argentino, Adrián Golerik, debateu importantes noções acerca das categorias analíticas “modernidade” e “modernização” e as suas múltiplas formas de operacionalizar o espaço urbano. Ver: GOLERIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). Narrativas da modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Debater o moderno na América Latina é debater a cidade: a cidade americana não é apenas o produto mais genuíno da modernidade ocidental, mas também, ademais, é um produto criado como máquina para inventar a modernidade, estendê-la e reproduzi-la. Assim foi concebida durante a Colônia, primeiro, para situar os enclaves a partir dos quais produzir o território de modo moderno; nas repúblicas independentes, depois, para imaginar nesses territórios as nações e os Estados à imagem e semelhança da cidade e de sua cidadania; nos processos de desenvolvimento, faz tão pouco tempo, para usá-la como “pólo” a partir do qual se expandir a modernidade, restituindo o contínuo rural-urbano segundo seus parâmetros, isto é, dirigidos para produzir homens social, cultural e politicamente modernos. (GOLERIK: 1999).

Obviamente, relações desiguais de poder emergem de maneira contundente em nossas reflexões, já que os projetos de cidade, mesmo que revestidos por um apelo coletivo e consensual, representam as intenções de grupos socialmente situados, sendo as elites locais, na maioria das vezes, responsáveis por efetivar e impor seus projetos de maneira hegemônica no cenário citadino.

Ainda, devemos considerar a imprensa como portadora de um discurso tido como socialmente válido para disseminar concepções e representações de mundo. Tal atributo de legitimidade em torno do discurso jornalístico, está assentado em certos manejos das relações com o tempo. Os periódicos, mormente, entrelaçam as dimensões temporais, presente, passado e futuro, conferindo um sentido para o tempo.

Sobre a publicização midiática de temáticas relativas a conteúdos históricos ou memorialísticos, muitas vezes contraditórios à constituição das pesquisas historiográficas, podemos citar as contribuições da pesquisadora Cristina Bereta da Silva⁸:

No presente, pode-se destacar vários usos do passado e de referenciais da história que apontam para diferentes sentidos de história. A história como forma pública de conhecimento,

⁸ Sobre as complexas relações entre a imprensa e a produção de referenciais mnemônicos, ver: SILVA, Cristina Bereta da. A invenção do futuro do Brasil: usos políticos do passado na *Veja* (1968 - 1978). In: AREND, Silvia Maria Fávero (org.). Um país impresso: História do Tempo Presente e revistas semanais no Brasil 1960 - 1980. Editora CRV: 2014.

divulgada na imprensa, no cinema, nos museus, nas instituições públicas, no mercado editorial, na política e etc.; história como forma de pensar, como orientação no tempo; como história vivida, experiência que configura a existência dos sujeitos individuais e coletivos e, é claro, a História como campo disciplinar, acadêmico, como produção de conhecimento controlada por métodos e categorias de análise que, embora mudem com o tempo, sempre serão reafirmados como necessários na operação historiográfica. (SILVA: 2014, p.23).

Nesse caminho reflexivo, para tentarmos compreender essas relações dotadas de admirável complexidade, é interessante levarmos em conta, que a narrativa jornalística é formulada em um determinado tempo presente, produzindo o *acontecimento*. A rigor, pinçando, numa infinidade de eventos possíveis, aqueles que “merecem” ser noticiados, são urdidas classificações, interpretações e representações do mundo. Portanto, existe aí um claro processo de seleção e, seu correlato efeito de *rememoração, comemoração* e esquecimento (SILVA: 2002)⁹.

É certo que a seleção do noticiável e do memorável é marcada pela subjetividade do jornalista. Desta feita, diante da impossibilidade de neutralidade ou de imparcialidade no discurso jornalístico, cabe questionar quais seriam seus recursos de credibilidade? Como podem ser lidos como verídicos, críveis, os conteúdos difundidos pela imprensa?

Os profissionais do jornalismo, sejam eles fotógrafos, jornalistas, editores, não agem isoladamente, seu trabalho é vinculado a uma linha editorial que lhe é intrínseca, e que, invariavelmente, representa os interesses e os projetos sociais de grupos específicos, financiadores dos próprios veículos de comunicação.

Tratando das relações entre o poder de estabelecer representações hegemônicas e a imprensa, a pesquisadora Marialva Barbosa¹⁰, teceu primorosas considerações:

Do ponto de vista da seleção da informação podemos dizer que o jornalista constrói, transpondo para o lugar da anormalidade, o

⁹ SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 425-438, 2002.

¹⁰ BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. Anais do Colóquio História e Imprensa, s/d.

acontecimento. Essa construção é seletiva. Seleciona-se parte da realidade, partindo-se do pressuposto do que os leitores gostariam de saber e do que as instituições querem fazer saber. (BARBOSA: 1996, p. 4).

Consideramos fundamental dizer que, a legitimidade do discurso jornalístico é, em partes, assegurada por sua remissão retrospectiva e projeção futurística, justamente pelo entrelaçar temporal de sua produção textual e visual. Ora, elaborar interpretações sobre o tempo, difundir determinadas versões de passado para a cidade, com estatuto de veracidade, além de divulgar determinados projetos de futuro, se constitui em substrato essencial da narrativa jornalística.

O conceito de “modernidade” será tratado aqui, em uma perspectiva que procura evidenciar a sua plasticidade, trata-se de uma patente capacidade de ressignificação discursiva e semântica. Ora, as concepções de “modernidade”, assumidas nos periódicos que compõem o *corpus* documental, não reproduzem as representações de “moderno” que povoaram os jornais no início do século, por exemplo. Nem mesmo as acepções atuais de tudo aquilo que possa ser associado aos imaginários coletivos de “modernidade”, poderiam nos servir como matrizes epistemológicas unívocas. Portanto, em nossas fontes, a podemos perceber uma série de recursos discursivos que intencionavam a produção de uma atmosfera “moderna”, segundo os preceitos da época.

Ao analisarmos os periódicos que selecionamos, vislumbramos um cenário onde a Guerra Fria e, o conseqüente temor da destruição nuclear estava sempre à espreita, o anticomunismo se configurava como tema de variadas matérias e reportagens e, nacionalmente, a Ditadura Militar Brasileira era ovacionada como promotora do “progresso”, “modernização” e “integração” do país.

Portanto, as concepções de *modernidade* produzidas como representações discursivas textuais e/ou visuais, constitutivas da narrativa jornalística presente em nossas fontes, estão permeadas por certo conservadorismo, já que o apoio ao governo federal era constantemente reafirmado e servia de mote para o ajustamento das condutas e dos projetos propagandeados pela administração pública municipal.

É nessa trama de relações de poder que importantes projeções para o futuro de Cascavel foram gestadas. Obviamente, várias dessas projeções jamais se efetivaram, mas serviram de recursos discursivos que lançaram possibilidades de adesão, identificação ou mesmo de rejeição, por parte dos indivíduos e grupos sociais que viveram aquele período.

Nesta perspectiva, a imagem fotográfica utilizada como linguagem discursiva nos periódicos cumpria o papel de comunicação sintética, rápida e eficaz, e, claramente, não menos rica, em termos de possibilidades de reflexão, do que o discurso verbal. Algumas fotografias se tornam importantes referenciais imagéticos para a representação de uma determinada realidade ou de *acontecimentos*, gerando certo efeito de iconicidade.

Em linhas gerais, podemos dizer que o modo de vida urbano estava sendo imposto como hegemônico em nossas fontes. A presença de máquinas nas imagens retratadas, as grandes obras públicas e toda a desordem no cenário urbano causadas por elas, compunham um discurso evolutivo, onde um futuro melhor e “moderno”, servia de divisa a qualquer desconforto, incômodo ou refutação aos projetos da modernidade cascavelense do período. Tratava-se de um discurso modernizante.

A diagramação, o ordenamento de matérias e de imagens, a criação de títulos fundamentais, também foram objetos de nossas análises, já que os consideramos importantes indícios da constituição de discursos imagéticos nos periódicos. Todavia, apesar de o discurso verbal não ter sido o foco principal nesse momento, optamos por mantê-los,—em algumas das fontes aqui reproduzidas, com o fito de compreendermos com mais profundidade a complexidade envolvida no processo de tessitura de representações tão pungentes.

O jornal *O Diário d’Oeste* pertencia ao médico Wilson Joffre, e contou com publicações diárias entre 1962 e 1970. Sua tiragem era de 2 mil exemplares a cada edição, tinha o formato de tablóide, com cerca de 10 a 15 páginas. Quanto à diagramação, apresentava matérias em colunas, fotografias em preto e branco, contava com espaço destinado à publicidade local e à divulgação do Diário Oficial do Município.

Poucos exemplares restaram do *Diário d'Oeste* compondo o acervo de periódicos da Biblioteca Pública Municipal de Cascavel atualmente. Eles se encontram organizados pelo ano e mês de publicação e encadernados. Porém, várias são as edições repetidas, rasuradas, rasgadas, o que nos impõe alguns limites documentais.

Por esse motivo, optamos por fazer, além do recorte temporal já sinalizado anteriormente, também uma seleção temática de nossas fontes. Portanto, o material que trazemos à análise é composto por fotografias e matérias que divulgavam parte das intervenções urbanísticas que compunham as obras planejadas no Plano Diretor de 1968¹¹ e no Plano Diretor de 1978¹².

Para iniciarmos, gostaríamos de colocar em tela uma reportagem publicada em setembro de 1968 no *Diário d'Oeste*, onde podemos perceber a composição de um discurso de progresso realizável por meio da urbanização. As imagens de máquinas e toda a movimentação causada por reformas colocada em destaque. A cidade se assemelhava a um canteiro de obras e era o “ritmo” das máquinas que ditava a “modernidade”.

Outro ponto interessante para nossas reflexões é uma espécie de analogia ou associação do “ritmo da cidade” com funcionamento dos organismos vivos, já que a Avenida Brasil é citada como “nossa principal artéria”. Ainda, o alargamento da avenida e a sua pavimentação também representavam a materialização do “trabalho da nossa gente”, ou seja, por meio daquela modernização, a cidade se transmutava, assemelhando-se ao seu povo laborioso.

Portanto, podemos inferir que progresso, modernização e trabalho eram noções articuladas para a constituição de representações de uma modernidade que atendesse às relações capitalistas daquele período, impregnadas pelos ideais conservadores da política nacional na Ditadura Militar, onde “Cascavel necessita estar nesses ritmos de Brasil-grande”.

¹¹ Tal documento pode ser consultado no site: <https://leismunicipais.com.br/PR/CASCADEL/LEI-549-1968-CASCADEL-PR.pdf>

¹² É possível acessar o Plano Diretor de 1978 no site: https://www2.fag.edu.br/professores/solange/PDMsCVEL_AEAC/1978%20%20Plano%20Diretor%20de%20Cascavel-PR%20-%20Jaime%20Lerner.pdf



Figura 1: *Cascavel em ritmo de progresso*. O DIÁRIO D' OESTE, Ano III, nº 418, 01/09/1968.

Em outra reportagem de caráter comemorativo, já que publicada em alusão ao aniversário de dezoito anos a emancipação política de Cascavel, podemos perceber a tentativa de sedimentação de uma visão positivada em relação à administração pública municipal naquele contexto, sendo retratada como resultado da ação dos únicos sujeitos responsáveis pela construção do “progresso”.

O cenário das obras e das máquinas, a construção de manilhas, foi novamente trazido para o centro da tessitura discursiva e a execução da modernização do espaço urbano era visto como parte do cotidiano de “engrandecimento” e “evolução” que a cidade merecia. Para completar, no fim da página, as fotografias selecionadas, trazem um edifício e uma imagem panorâmica do centro urbano, como ícones da *modernidade*.



Figura 2: *Trabalho - progresso!* O DIÁRIO D'OESTE, Ano IV, nº 462. Edição especial. 14/11/1969

Abaixo temos outra pequena nota, composta por outra imagem, trazendo o mesmo edifício (Edifício Copal, projetado por Gustavo Gama Monteiro) presente na fonte anteriormente analisada em sua elaboração visual, tomando-o como símbolo do progresso e da modernidade cascavelense¹³.

¹³ Chamamos à atenção, o processo de produção de uma iconicidade urbana, onde as temáticas relativas ao que se acredita serem os símbolos de progresso foram materializados em imagens prenes elementos considerados marcas da “modernidade”, como as avenidas largas, a verticalização da cidade e até mesmo as obras de intervenção urbanística. A produção icônica das representações da “modernidade” foram também alvo de análise da Tese de Doutorado de Marilise Meyer, ver: MEYER, Marilise Regina.



Figura 3: Isto é Cascavel. DIÁRIO D'OESTE, Ano III, nº 401, 14/04/1968.

A cidade foi aqui apontada por meio de sínteses discursivas como “Capital do Otimismo”, “cidade progresso” e as reformas urbanísticas - nesse caso a Praça Getúlio Vargas e o obelisco que representava o Marco Zero da cidade - associadas, imagetivamente aos preceitos da *modernidade conservadora*¹⁴, difundidos pela imprensa local.

Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *Cruzeiro* (1955 - 1957). Tese de Doutorado em História pelo PUC - RS, Porto Alegre: 2007.

¹⁴ Utilizamos o conceito de “modernidade conservadora” apoiando-nos teoricamente nas reflexões empreendidas pelos pesquisadores Murilo José de Souza Pires e Pedro Ramos que investigaram a utilização dessa categoria analítica por estudiosos brasileiros ao longo de décadas. Segundo tais perspectivas, o emprego do termo “modernidade conservadora” no Brasil, esteve ligado às noções desenvolvidas pelo sociólogo estadunidense Barrington Moore Junior, ou seja, trata-se da modernização da sociedade via industrialização e como um resultado do “pacto político entre a burguesia e os terratenentes”. (PIRES & RAMOS: 2009). No caso de Cascavel, a modernização do espaço urbano estava assentada em determinadas

Uma das grandes contradições envolvidas nesse processo de construção de uma cultura visual urbana que representasse a *modernidade*, segundo as concepções oriundas dos grupos de poder em Cascavel, está presente na lei que selecionamos abaixo. Trata-se da proibição da criação e engorda de porcos no perímetro urbano.

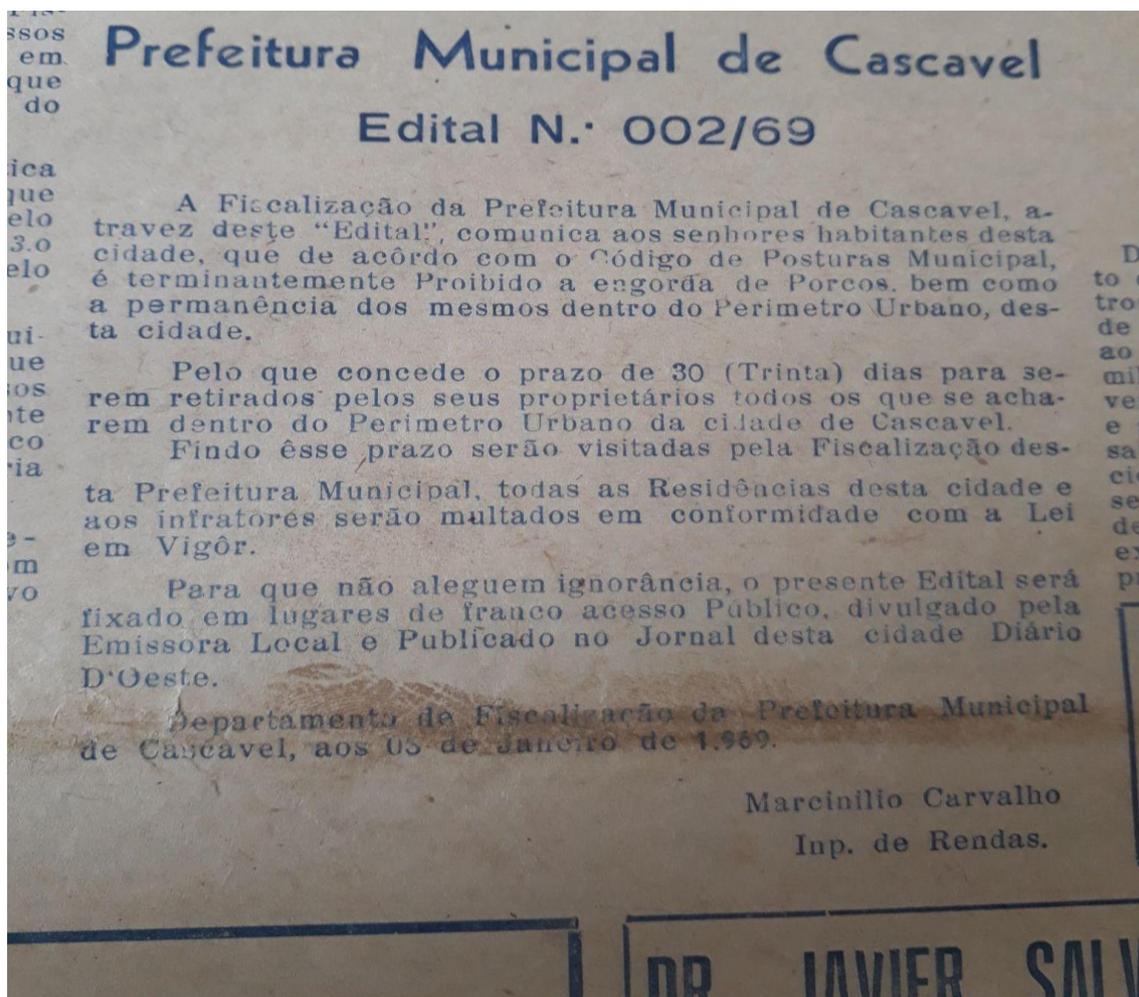


Figura 4: Código de Posturas. O DIÁRIO D'OESTE, Ano III, nº 431, 12/01/1969.

A rigor, é impreterível mencionar que, atrelados aos projetos de modernização, que remodelaram a estrutura urbana, as práticas cotidianas, os modos de vida, também foram alvo de cerceamento e reestruturação. A suinocultura era uma das atividades produtivas principais para as famílias que

concepções de “modernidade”, onde as relações desiguais de acesso à cidade, aos meios de produção ou à própria permanência dos indivíduos nas pequenas propriedades rurais, permaneciam, porém, atualizadas por meio das representações do “novo”, do “moderno”, da “vanguarda”.

viviam em pequenas chácaras nas áreas urbanas da cidade, mas para a modernidade pretendida, se traduzia em um empecilho¹⁵.

Neste momento, propomos um salto no tempo, vamos para o final da década de 1970, seguindo o fito de analisar a constituição de um conjunto de representações discursivas em torno da cidade de Cascavel. Para isso, passaremos a trabalhar analiticamente com fotografias presentes em algumas edições do periódico local, denominado *O Paraná*.

O jornal *O Paraná* começou a ser editado em 1976 e funciona até os dias atuais. Foi de propriedade do ex-prefeito, empresário e agropecuarista, Jacy Scanagatta, sendo no presente, uma das empresas do ex-deputado federal Alfredo Kaefer, portanto há uma clara aproximação entre a atuação desses indivíduos no cenário político, seja local, regional ou nacional e as suas inserções no campo das comunicações.

Diferentemente do procedimento analítico que utilizamos para interpretar o jornal *Diário d'Oeste*, onde buscamos reflexionar acerca de notícias publicizadas através de imagens e pequenos textos vinculados a elas, aqui optamos por pousar nossa atenção às capas dos jornais selecionados. Trata-se de uma outra linguagem estética e comunicativa, que tinha na fotografia um importante eixo articulador de representações. De acordo com Ana Maria Mauad¹⁶, a fotografia:

A fotografia comunica por meio de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se enquanto tal, em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens. (MAUAD: 2004, p. 28).

¹⁵ Várias pesquisas sobre o processo de modernização da agricultura em Cascavel e na região Oeste do Paraná foram importantes referências para nossas análises, porém devido ao escopo desse artigo, não poderemos discuti-los com a devida atenção. Mesmo assim, podemos citar os trabalhos investigativos dos historiadores Márcio Both, Irene Adamy, Daniele Brocardo, desenvolvidos na Unioeste, como de fundamental relevância para a historiografia da região. (BOTH: 2020, ADAMY: 2019, BROCARDO: 2020).

¹⁶ A pesquisadora Ana Maria Mauad possui uma vasta produção intelectual sobre a fotografia, história e memória, sobre tal temática ver: MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

Em geral, as páginas de abertura dos jornais ou revistas trazem interessantes composições discursivas. Os títulos de reportagens, as imagens de capa e a própria diagramação utilizada, comunicam de maneira inquietante o conteúdo da edição. Ora, não podemos esquecer que as empresas de comunicação visam venda e lucro, como qualquer outra no mundo capitalista.

Títulos emblemáticos, frases chamativas, fotografias inusitadas ou mesmo mais elaboradas em sua intenção comunicativa, composição de imagens que portam determinadas narrativas, fotorreportagens, entre outros, representavam uma nova forma de produzir informação jornalística em nossas fontes.

Na capa que apresentamos agora, a cidade foi retratada em uma imagem panorâmica que parece consubstanciar a suposta “grandiosidade” de Cascavel, por meio da fixação do foco central da fotografia na Avenida Brasil em uma configuração longitudinal. Em outras palavras, era a linha do progresso, da evolução e da *modernidade*.

Ao lado, em uma composição de imagens postas em relação, está o presidente Geisel e o Palácio do Planalto em Brasília, como cenário. Qual seria o nexo de vinculação entre as imagens? Ora, para nós parece evidente que a Cascavel “moderna” estava integrada ao “Brasil-grande”, ou seja, aos projetos encampados pelo governo militar.

Ainda, é importante dizer que o título principal da edição: “Cascavel ainda estuda reformas” remetia à elaboração do Plano Diretor de 1978, elaborado pelo arquiteto, urbanista e política, Jaime Lerner.



Figura 5: *Cascavel ainda estuda reformas*. O PARANÁ, Ano II, nº 450, 13 - 14/11/1977.

Outro documento que consideramos importante para a elaboração de uma cultura visual urbana é essa capa do jornal *O Paraná* em sua edição de comemoração aos 25 anos de emancipação política de Cascavel. Novamente, podemos perceber o recurso da imagem panorâmica como forma de traduzir a representação da cidade como ícone de *modernidade*, segundo as noções da época.



Figura 6: Cascavel, show de progresso. O PARANÁ, Ano II, nº 267, 05/04/1977.

Nesse sentido, a imprensa como fonte principal de nossas análises constitui-se importante veículo de elaboração de sentidos e representações sobre a cidade. A partir desse entendimento, devemos frisar que não eram as únicas representações possíveis, formuladas em meio ao processo de implementação de uma nova lógica urbana em Cascavel, porém trata-se de conjunto de representações difundidas de maneira hegemônica em órgãos de imprensa local.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. Acontecimento e mídia. Anais do Colóquio História e Imprensa, s/d.

ADAMY, Irene Spies. Terra, poder e cooperativismo no Oeste do Paraná: o caso da COOPAVEL. Tese de Doutorado em História da Uniãoeste, Marechal Cândido Rondon, 2019.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de & CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 243-264. 2001.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. Anais do Colóquio História e Imprensa, s/d.

BOTH, Marcio Mudar para permanecer: o atraso da agricultura brasileira sob perspectiva comparada (séculos XIX e XX). Rev. hist. comp., Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.73-110, 2020.

BROCARD, Daniele. “Quando entrei aqui era tudo mato [...] e agora se enxerga tudo vermelho de soja”: percepções acerca das transformações na paisagem em Cascavel/PR (1950-1980). Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, Marechal Cândido Rondon, 2020.

BROCARD, Daniele. Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 1996.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 5, 1991, jan./abr. 1991, p. 173-191.

GOLERIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). Narrativas da modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KOSSOY, Bóris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, no 49, p. 35-42 - 2005.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. Fotografia e história, possibilidades de análise. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. In: O ofício do historiador, Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 11-36.

MEYER, Marilise Regina. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *Cruzeiro* (1955 - 1957). Tese de Doutorado em História pelo PUC - RS, Porto Alegre: 2007.

O DIÁRIO D' OESTE, *Trabalho - progresso!* Ano III, nº 418, 01/09/1968.

O DIÁRIO D'OESTE, *Cascavel em ritmo de progresso*. Ano III, nº 401, 14/04/1968.

O DIÁRIO D'OESTE, *Código de Posturas*. Ano IV, nº 462. Edição especial. 14/11/1969.

O DIÁRIO D'OESTE, *Isto é Cascavel*. Ano III, nº 431, 12/01/1969.

O PARANÁ, *Cascavel ainda estuda reformas*. Ano II, nº 450, 13 - 14/11/1977.

O PARANÁ, *Cascavel, show de progresso*. Ano II, nº 267, 05/04/1977.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/ Contexto, v.15, n. 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. *Cultura e representações, uma trajetória. Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

PIRES, Murilo José de Souza & RAMOS, Pedro. O Termo Modernização Conservadora: Sua Origem e Utilização no Brasil. *Revista Econômica do Nordeste*. Volume 40 | Nº 03 | julho – setembro, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL – PMC. *Cidade de Cascavel. Estrutura urbana. V. Jaime Lerner planejamento urbano. V. 1. Cascavel. 1978.*
PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. *Plano Básico e diretrizes para o Plano Diretor de Cascavel, 1968.*

SILVA, Cristina Bereta da. *A invenção do futuro do Brasil: usos políticos do passado na Veja (1968 - 1978)*. In: AREND, Silvia Maria Fávero (org.). *Um país impresso: História do Tempo Presente e revistas semanais no Brasil 1960 - 1980*. Editora CRV: 2014.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração” /comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 425-438, 2002.

Recebido em 15/09/2023
Aprovado em 23/10/2023